

## PROCESSO DE CONSAGRAÇÃO DOS CONTOS MACHADIANOS

Valdiney Valente Lobato de Castro (UFPA)

Germana Maria Araújo Sales (UFPA)

**RESUMO:** O caminho da consagração de Machado de Assis, no século XIX, ocorre desde a década de sessenta, quando o autor era divulgado como colaborador dos jornais como estratégia para atrair os compradores. Dessa forma, muito antes dos seus romances mais laureados – surgidos a partir da década de oitenta – suas obras já arrebatavam os leitores. Entre essas publicações iniciais destacam-se os contos que foram espalhados em diferentes jornais naquele século com grande aceitação, por isso é possível encontrar a publicação simultânea de mais de um texto do autor em um mesmo jornal. A relevância dos contos do artista fluminenses para a sociedade carioca da segunda metade do século era tanta que o *Jornal das Famílias*, editado por Garnier e onde a maioria dos seus contos foi publicada, teve escritos do autor em praticamente todos os seus números, isso tudo muito antes de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Se por um lado a percepção de que o autor sagrou-se cedo no meio das letras revela que isso colaborou para o sucesso dos seus escritos posteriores; por outro, demonstra que os textos primeiros são responsáveis pela entronização do autor, e exatamente por isso merecem atenção. Diante disso, o objetivo desta pesquisa é relacionar os contos do autor aos jornais da época, para tanto se investigou suportes que tratavam tanto sobre a sua obra quanto sobre a sua vida, a fim de entender como houve o processo de consagração de seus escritos. Diante do que foi encontrado nos periódicos, pretende-se ainda aquilatar os escritos que não figuraram em nenhuma das sete antologias, assim como contribuir para ampliar a compreensão sobre o processo de circulação no século XIX.

Palavras-chave: Machado de Assis. Leitores. Jornais

### 1 – Introdução

Os estudos acerca da produção machadiana têm, nos últimos anos, se estendido para além da preocupação com os romances do autor, incorporando debates sobre a crônica, a poesia, o teatro, a crítica e o conto escritos por ele em plena efervescência da movimentada segunda metade do século XIX, período emblemático para consagrar

tanto a identidade cultural, marcada pela influência dos imigrantes e dos escravos recém libertos, quanto à política, assinalada pela transição para a república.

Os escritos dedicados aos contos se detiveram, em sua maioria, na análise de alguns desses textos recolhidos pelo autor em uma das sete antologias, comparando um conto com outra obra do mesmo gênero ou não, ou relacionando-o a alguma temática, ou ainda servindo de pano de fundo para elucidar aspectos socioculturais da realidade daquele momento. Raras pesquisas têm se destinado a trabalhar com os contos que não foram recolhidos nas antologias do autor ou ainda em tratar do processo de produção desses contos, como os periódicos em que foram publicados, a recepção dos leitores na época em que os textos foram escritos ou os pensamentos do próprio autor sobre esses textos. Para tanto é preciso mergulhar nas fontes primárias: jornais, manuscritos, correspondências e contratos, a fim de resgatar informações imprescindíveis para a nossa literatura, que podem ajudar a compreensão da formação do nosso cânone, bem como reconfigurá-lo, possibilitando, a partir de então, novos estudos voltados a esses arquivos.

## **II – O jornal no século XIX e a coluna folhetim**

No século XIX os jornais eram o principal veículo de divulgação das informações e tratavam de tudo o que era relevante para àquela sociedade, por isso praticamente todas as famílias tinham acesso às notícias saídas nos periódicos. Lidos nos lares, nos cafés, nas repartições e também nas livrarias, as folhas públicas dominavam a leitura no oitocentos brasileiro e conseguiam estabelecer uma rede de comunicação entre toda a capital fluminense.

E com as estradas de ferro e os navios a vapor, ambos a partir da segunda metade do XIX, os jornais agregam as notícias advindas da Europa, que muito interessavam aos brasileiros, ávidos pelas novidades d'além mar, e passam a circular nas demais províncias, não só ampliando o número de leitores dos periódicos, como também homogeneizando de modo quase nacional as informações de boa parte das regiões.

Com o aumento no número de leitores é fácil entender a grande quantidade de periódicos que proliferava pela cidade e, para atender a esse público, cada vez surgiam suportes mais especializados: jornais especificamente voltados para as mulheres ou

escritos totalmente em outro idioma como o francês, o italiano e até mesmo o alemão, ou ainda destinados a uma profissão como o jornal de engenharia ou o de medicina.

Surge uma concorrência responsável em enriquecer a qualidade: algumas ilustrações são produzidas até fora do país, os erros tipográficos se escasseiam, o prazo de entrega é mais respeitado e a propriedade dos textos publicados, bem como seu interesse pelo público passam a ser a preocupação cada vez maior do editor.

Com periodicidade distinta: semanais, mensais e diários, alguns desses suportes existiram por décadas e foram responsáveis por noticiar os principais acontecimentos da época e também por lançar em primeira mão muitos dos clássicos de nossa literatura na coluna folhetim, que paulatinamente torna-se a principal atração de muitos jornais, absorvendo os insaciáveis leitores.

O romance-folhetim foi uma febre nacional que impulsionou muitos dos nossos grandes autores a utilizarem esse espaço como forma de publicação das suas obras e projeção dos seus nomes entre o público e a crítica. Sendo o jornal o veículo de comunicação mais acessível na sociedade dos oitocentos, talvez este fosse o caminho mais rápido e fácil para o escritor alcançar notoriedade (SALES, 2007, p. 45)

É com a força de penetração e a leitura fascinante que o suporte forma um público leitor assíduo na sociedade, capaz de acompanhar as publicações diárias com temas variados: a política, as finanças, as modas, os anúncios e as novidades das grandes metrópoles e os romances saídos na coluna folhetim. E é por meio desses escritos que a literatura não só ganha um público, como também demonstra seu poder de sedução, isto porque, os folhetins se tornaram a atração de muitos dos principais jornais da capital, homens e mulheres, jovens e idosos, brancos e negros, filhos da terra e imigrantes; todos se encantavam pelas histórias seriadas. No início, o jornal serviu ao romance dando-lhe seu poder de penetração, mas depois o periódico passou a depender da coluna folhetim para garantir o sucesso das suas vendas.

O resultado foi um grande sucesso. A fórmula “continua amanhã” ou “continua num próximo número” que a ficção em série proporcionava ao folhetim alimentava paulatinamente o apetite e a curiosidade do leitor diário do jornal e, obviamente, como resposta, fazia aumentar a procura por ele, barateando os seus custos. O jornal democratizava-se junto à burguesia e saía do círculo restrito aos assinantes ricos (NADAF, 2002, p. 18)

O enorme sucesso do folhetim fez com que ele ocupasse outros espaços no jornal e alcançasse uma importância fundamental; em alguns periódicos, por exemplo,

eram publicadas simultaneamente duas histórias. O romance-folhetim “se estendia a todos os jornais da corte. Ainda que não existissem as necessárias pesquisas, de difícil execução dada a escassez de dados sobre tiragens e publicações, não faltam indícios da correlação entre a prosperidade do jornal e o folhetim” (MEYER, 1996, p.58).

Dentre os muitos autores publicados nas colunas folhetins do século XIX, Machado de Assis ganha relevância pela variedade de gêneros em que escreveu, pelo longo período em que seus textos saíram nas folhas diárias e, obviamente, pela recepção do público.

### **III – Machado de Assis: uma vida por meio dos jornais**

Muito do que se tem divulgado sobre a vida de Machado de Assis da infância à juventude é fruto de informações colhidas em seus contos e crônicas. Só se podem ter dados precisos sobre a biografia do autor quando começa a trabalhar, em 1854, como ajudante de tipógrafo e depois como revisor de jornais para Francisco de Paula Brito, considerado como o primeiro editor do Brasil por fundar a Empresa Tipográfica Dous de Dezembro. Em 1840, criou-se na casa de Paula Brito a Petalógica, uma sociedade literária composta por romancistas, poetas, jornalistas, compositores, profissionais liberais, políticos e líderes da sociedade carioca.

Entende-se assim como se deu o ingresso do autor fluminense no mundo literário: em 1855, saiu seu primeiro texto, o poema “Ela” no jornal *Marmota Fluminense*, editado por Paula Brito desde 1847. Nesse mesmo jornal, já com o nome de *A Marmota*, publicou “Três Tesouros Perdidos”, seu primeiro conto, em 5 de janeiro de 1858, ano em que inicia como colaborador também dos jornais *Correio Mercantil* e *O Parayba* e em que aparece o primeiro texto laudatório ao autor: Calasans Peixoto escreveu no jornal *A Marmota* a poesia “Desejo” - ao meu amigo J. M. Machado de Assis.

Em 1861, Paula Brito edita ainda dois livros do autor: *Queda que as mulheres têm para os tolos* e *Desencantos, fantasia dramática*. A relação com o editor não tributou a Machado apenas a publicação de seus primeiros textos, rendeu-lhe também contatos com os principais nomes do mundo literário, o que fez com muito cedo ele já fosse reconhecido como um grande colaborador.



Em 1869, com apenas 29 anos, Machado já era anunciado na página inicial como colaborador do jornal, uma estratégia para atrair leitores que certamente deu certo, pois ele participou como cronista ou contista dos principais jornais do Rio de Janeiro. Esse reconhecimento está presente em vários periódicos da época que anunciam recepções em comemoração as suas obras, tanto que em 13 de fevereiro de 1870, o jornal *A Reforma* publica a seguinte notícia

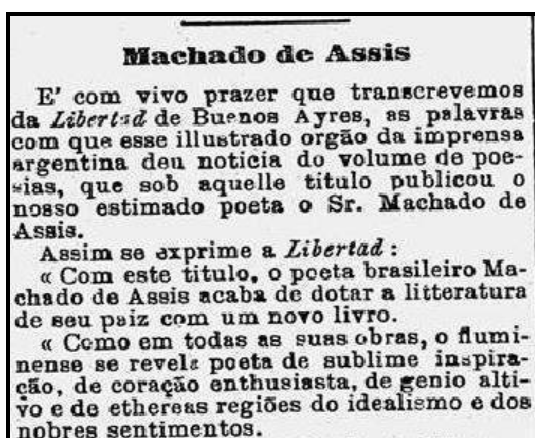
O Sr. Machado de Assis ainda está recebendo os merecidos aplausos motivados pela aparição das *Falenas* e já oferece ao público um novo volume que honra o muito talento do jovem escritor. Depois de uma formosa coleção de poesias, uma delicadíssima série de contos tão recomendáveis pelos atavios romanescos como pelo primor e castigado de estilo. Sempre poeta distinto, quer escreva versos como os das *Falenas*, quer prosa como a dos *Contos Fluminenses*, o Sr. Machado de Assis sabe adornar seus livros com galas sedutoras. Alguns desses romancetos e fantasias no gosto dos melhores contos de Theophilo Gautier ou de Gerard de Nerval, já são conhecidos do público, e todos eles confirmam o bom conceito literário que goza o Sr. Machado de Assis, a quem cumprimentamos cordialmente. Louvores ao Sr. Garnier, editor de mais esse bom livro brasileiro, pelos serviços que vai prestando. (*A Reforma*, 13 de fevereiro de 1870, p. 1)

O recorte do jornal trata do lançamento, naquele mesmo ano, de *Contos Fluminenses*, primeiro livro de contos do autor, com sete narrativas, sendo apenas

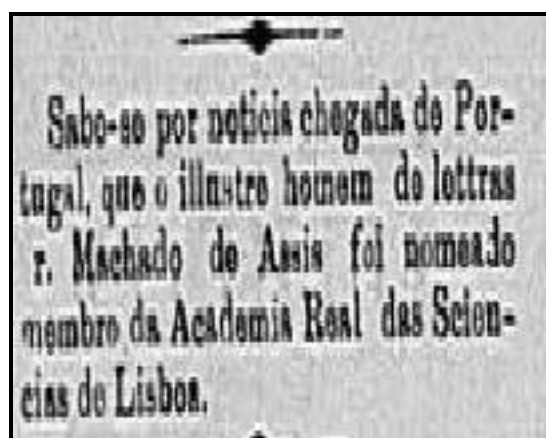
“Miss Dolar” inédita, todas as demais já haviam sido publicadas no *Jornal das Famílias*, de Garnier, periódico em que Machado publicou a maior parte dos seus contos, saindo muitas vezes mais de uma história em uma mesma edição.

Como se percebe na matéria, o autor já era ilustre aos 30 anos de idade, e laureado nos periódicos que anunciavam o lançamento de seus livros e também de acontecimentos ligados a sua vida, por isso notas de comparecimento a eventos, de seu casamento com Carolina, de suas crises decorrentes da doença que o vitimou e de seu falecimento avultam nos jornais da época, revelando que o autor foi uma celebridade daquele tempo.

Essa fama não se restringia apenas ao território nacional, nos recortes abaixo, percebe-se como o autor tornou-se célebre em outros países, mesmo sem nunca ter feito viagem para fora do Brasil:



*O Globo*, 18 de março de 1876



*O Pharol*, 05 de junho de 1904

A notícia do jornal argentino *Libertad*, publicada n' *O Globo*, sobre a obra do autor data de 1876 e a nomeação de Machado como membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa, lançada no jornal mineiro *O Pharol* é de 05 de junho de 1904, apenas quatro anos antes da sua morte. A distância temporal entre as duas notas sugere que a entronização do autor manteve-se por praticamente toda a segunda metade do século XIX.

As folhas públicas, dessa forma, servem como um valioso arquivo para se compreender os passos do autor fluminense e mostram o quanto ele mantinha um vínculo diário com o suporte não só por meio dos escritos que publicava e dos textos

noticiosos sobre ele, mas também em participações como a que se vê abaixo na imagem retirada da *Ilustração Brasileira* de 13 de junho de 1877:



Além de enviar problemas de xadrez, ele também mandava respostas para os desafios propostos por outros autores, o que evidencia não apenas o vínculo ativo dele com os jornais como também o quanto o suporte representava o principal meio de comunicação da sociedade oitocentista, capaz de informar, instruir e divertir.

#### **IV – Os contos machadianos sob o julgamento da crítica**

Os contos publicados em variados jornais e revistas do Rio de Janeiro foram mais bem catalogados por Djalma Cavalcante (2003) totalizando um expressivo número de 216 narrativas. Dessas, apenas 76 foram organizadas em sete coletâneas pelo próprio autor: *Contos Fluminenses* (1870), *Histórias da Meia Noite* (1873), *Papéis Avulsos* (1882), *Histórias sem Data* (1884), *Várias Histórias* (1896), *Páginas Recolhidas* (1899) e *Relíquias da Casa Velha* (1906).

Apesar de 140 narrativas repousarem nos jornais, muitos críticos, ao analisar a produção dele, fazem seus julgamentos considerando apenas os textos recolhidos nas coletâneas. Lucia Miguel Pereira assim analisou os escritos do autor:

São novelas escritas sob a premência da colaboração em data fixa, para fazer dinheiro, apressadamente.

[...] os contos conservados nos livros não se avantajam em nada aos que ficaram em justo e esquecimento na coleção do periódico.

[...] seus primeiros livros não valem nada.

Terão uma ou outra observação interessante, uma ou outra personagem bem lançada mas são, de modo geral, inconsistentes e falsos [...] Fiou-se inteiramente na fantasia e por isso falhou.

Disponha apenas de três ou quatro tipos femininos, todos copiados da galeria dos manequins românticos (MIGUEL-PEREIRA, 1955, p.133-5)

Além de desprestigiar as narrativas iniciais, ela ainda despreza os textos não recolhidos, por acreditar que o autor *falhou* na composição deles. Eloy Pontes no livro *A vida contraditória de Machado de Assis* (1939) acusa esses mesmos contos de extensos e do excesso de temas romanescos:

Todas as heroínas dessas novelas como que descem de vitrais, com perfis suavíssimos, libertas das contingências humanas, com roupas vaporosas e linguagem escandida. As vezes imitam mesmo as heroínas de Macedo, ambas de origem análoga. O amor era o único tema dessas histórias, um amor que provocava atos magníficos. As personagens tinham atitudes perfeitas e condutas superiores, ao gosto das imaginações do tempo. É que também os leitores (as leitoras, dizia ele próprio) eram romanescos, aceitando facilmente essas nuvens e o mundo imaginário onde se agitavam. A melancolia indefinível, vaga incurável, era regra fatal nesses pequenos romances (PONTES, 1939, p. 169)

Mário Matos no curto texto “Machado de Assis: contador de histórias” (1939) faz um percurso em alguns textos do autor ao tentar achar pontos de contato e constrói outra crítica: “Seus primeiros contos são novelas, devido à extensão. Como o enredo é mal urdido, despertam pouco interesse. Conduz as cenas canhestamente, sem naturalidade, forçando mesmo as situações. Há falta de continuidade lógica nos acontecimentos” (MATOS, 1939, p. 295).

Alguns críticos analisam os contos à luz dos romances, como o faz Barreto Filho no livro *Introdução a Machado de Assis* (1947) ao caracterizar esses primeiros textos machadianos como *mediócrs, tateantes, sem convicção* (1947, p. 65)

Acrescenta-se a esse rol de crítica negativa o livro *O Conto de Machado de Assis* (1981) organizado por Sonia Brayner. Na introdução dessa obra, a autora opõe-se à produção do primeiro momento do contista ao afirmar que os temas presentes são



condenados pelo moralismo e conservadorismo e que são contos muito longos e subdivididos em partes, como se fossem novelas.

Contrária a todas essas acusações, Alfredo Pujol (1934) vê, nos contos iniciais machadianos, muitos dos aspectos presentes nos romances dos últimos vinte anos do século XIX:

Os primeiros contos [...] já denunciavam o escritor e o romancista, mais propenso à análise psicológica dos caracteres e das paixões do que à pintura das nossas paisagens e dos quadros da nossa natureza... Machado de Assis estuda e observa o homem interior e exterior e apenas nota, muito ao de leve, o cenário em que vivem e palpitam as ações humanas. (PUJOL, 1934, p. 62)

As críticas menosprezam os primeiros escritos do autor acusando-os de medíocres, falhos, excessivamente extensos e marcados pelo conservadorismo, concepção bastante equivocada, fruto da leitura de menos da metade de textos do que o autor produziu. Além disso, tratar os contos como um texto de experimentação para aquilo que seria construído nos romances desqualifica o gênero e sua importância.

## **V - Para (não) concluir**

Acusar os contos de falhos, mal urdidos e desinteressantes demonstra não apenas a falta de leitura dos contos não recolhidos como ainda desconsidera o gosto do público leitor oitocentista, tão atraído pelos textos machadianos que os jornais anunciavam o autor como colaborador com a certeza do aumento das vendas dos jornais.

Com quase cinquenta anos de produção, disseminada por romances, contos, crônicas, peças teatrais, crítica e poesia é natural que assim como Machado lançou a maior parte da sua obra nas folhas públicas, nelas existam registros sobre o processo de produção do autor e também sobre a recepção de seus textos, o que revela a grande afinidade dele com o suporte, considerado como o maior meio de comunicação da sociedade daquela época.

Apesar desse estreito vínculo entre literatura e jornal caracterizando a obra do autor, grande parte da sua produção contista ainda carece de atenção justamente por que ainda repousa nos periódicos, o que não significa que esses textos devem ser considerados como inferiores, pois muitos nem foram discutidos pelas academias.

Diante disso, duas considerações imprescindíveis evidenciam-se: muito antes de 1881, ano em que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi publicada, Machado de Assis já era um sucesso nacional, o que pode, inclusive, ter facilitado a aceitação da obra. Se já era consagrado entre os leitores oitocentistas, é porque esses textos, principalmente os contos, merecem mais atenção, o que deixa a certeza de que há muito por concluir ainda no processo de consagração do autor, podendo tanto ampliar a compreensão sobre a rede de produção da época quanto sobre a circulação no século XIX.

## Referências

- A **MARMOTA**, Rio de Janeiro: Paula Brito, 1849-1861
- A **REFORMA**, Porto Alegre/Rio de Janeiro: Gaspar da Silveira Martins, 1862-1889
- BRAYNER, Sônia. O conto de Machado de Assis. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O conto de Machado de Assis: Antologia, Organização e Introdução** de Sônia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- FILHO, Barreto. **Introdução a Machado de Assis**. Rio de Janeiro Agir, 1947.
- ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA,
- MATOS, Mário. “Machado de Assis, Contador de Histórias”. In: \_\_\_\_\_ **Machado de Assis, o Homem e a Obra**. São Paulo: Nacional, 1939
- MEYER, Marlyse. **Folhetins: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NADAF, Yasmim Jamil. **Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)** Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- O **PHAROL**, Juiz de Fora: Tomaz Cameron, 1866-1939
- O **GLOBO**, Rio de Janeiro: s/r
- PEREIRA, Lucia Miguel. **Machado de Assis (Estudo Crítico e Biográfico)**. São Paulo: José Olympio, 1955
- PONTES, Eloy. **A Vida Contraditória de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
- PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis**. 2ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934
- SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces (UFC)** v. 1, p. 44-56, 2007.